Folhas de árvores e cadernos rasgados no chão. Carteiras empoeiradas e na losa a lição inacabada. Passa-se por corredores e pátios da escola abandonada. Onde um dia houve vida há silêncio e vazio. Do último aluno do colégio de Chernobyl. No colégio de Chernobyl não há mais risadas. No colégio de Chernobyl não há mais tias nem empadas. Não há mais crianças correndo na quadra. Não há mais adultos e nenhuma cantata. Não há mais faxineira nem porteiro nem nada. Na escola de Chernobyl não há mais história. Não há mais quadrinhos nem heróis nem glória. No colégio de Chernobyl, não se tem amadorismo. No colégio de Chernobyl a educação pulou do abismo. Não há mais professores passando atarefados. Não há mais rumores e é tudo gelado. Na escola de Chernobyl, não há mais bullying. Nem diretores que punem. Não há mais uniforme e tudo parece disforme. No colégio de Chernobyl, não há religião. O que sobrou da vida para um velho cristão. Nem sol nem marca nem poça, mas que um dia o destino pare de troça. Para o dia que não mais é dia. De alimentar a esperança que possa. Seguir por uma força vital. A escola da vida que um dia volte ao normal.